

O Dizer-Verdadeiro: Análise Narrativa de "Desenredo": conto de Guimarães Rosa

Diana Luz Pessoa de Barros
Universidade de São Paulo

1. Considerações Iniciais

Retoma-se, neste artigo, um exercício de análise narrativa do conto *Desenredo*¹, de Guimarães Rosa, realizado com a finalidade didática de ilustrar, em sala de aula, passagens, possibilidades e interesse do exame da organização narrativa de textos da "grande literatura".²

A análise obedece aos princípios da teoria semiótica do discurso, tal como vem sendo desenvolvida pelo Grupo de Investigações Sêmico-Linguísticas, sob a direção de A.J. Greimas.

Da teoria, serão retomados aqui apenas dois princípios gerais³: o de percurso gerativo do sentido, necessário para situar o nível de análise da narrativa, e a definição mesma da narratividade.⁴

Ao assumir a tarefa de construir o ou os sentidos de um texto, qualquer que seja ele, a semiótica entende que se deva examiná-lo do ponto de vista de sua organização *interna*, ou melhor, das regras e dos procedimentos que o estruturaram, mas também na perspectiva de sua inserção no contexto dito externo. A análise interna é concebida sob a forma de um percurso gerativo do sentido em que se reconhecem três etapas, cada qual com sua gramática, e passível, portanto, de análise independente. São elas o *nível lógico-conceptual* em que, sob a forma de estruturas mínimas, se organizam as oposições semânticas fundamentais a partir das quais se engendra o discurso, o *nível da organização narrativa* e o *nível propriamente discursivo*, em que se estudam as projeções da instância da enunciação no discurso, as opções temáticas e figurativas, assim como outros procedimentos empregados pelo enunciador na relação com o enunciatário.

Já a análise externa de um texto faz-se pelo exame dos textos que compõem seu contexto e que determinam sua posição sócio-histó-

rica.

Será estudado, neste artigo, somente o nível narrativo do conto **Desenredo**, o que corresponderá à construção de uma fatia apenas do sentido, qual seja o seu arcabouço sintático-semântico narrativo.

A semiótica concebe a organização narrativa de um texto de duas formas distintas e complementares. Em primeiro lugar, define-a como uma sucessão de estados e de transformações de estados operadas por um sujeito. Desse modo, a narrativa aparece como o simulacro da ação do homem no mundo que ele transforma. A segunda concepção é a de narrativa entendida como uma seqüência de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre sujeitos. Espelha, assim, as relações humanas intersubjetivas, contratuais e polêmicas. A organização narrativa, considerada das duas formas acima, simula, em todo texto, tanto as relações de produção do homem no mundo, quanto as relações de comunicação entre os homens.

O esquema narrativo canônico, apresentado pela teoria semiótica como um modelo de previsibilidade e não como um molde a que se devem adequar todas as narrativas, leva em consideração a dupla definição de narratividade. Na esteira de V. Propp⁵, três etapas ou três percursos narrativos, ligados por pressuposição, compõem o esquema:

ESQUEMA NARRATIVO

Manipulação	Ação	Sanção
Percurso do Destinatador-Manipulador	Percurso do Sujeito	Percurso do Destinatador-julgador

A manipulação e a sanção contemplam as relações intersubjetivas entre Destinatador e Destinatário. Na **manipulação**, o Destinatador propõe um contrato ao Destinatário, que o leve à **ação**. Deve-se conceber o Destinatador como instância decisória ou "fonte dos valores" a partir dos quais o Destinatário é persuadido a crer e a agir e como doador de competência ao Destinatário-sujeito, qualificando-o com essa doação, para o exercício da ação pretendida e decidida pelo Destinatador. Na **sanção**, o Destinatador examina a ação do sujeito e

e seus resultados e os interpreta, verificando se o Sujeito cumpriu os compromissos assumidos no percurso da manipulação. O sujeito será, assim, reconhecido como "bom" ou "mau" sujeito, verdadeiro ou falso, segundo os valores do Destinador, e recompensado ou punido.

Os percursos cognitivos de manipulação e de sanção dizem respeito, portanto, às relações contratuais entre sujeitos e delimitam o terceiro percurso do esquema, o da ação pragmática do sujeito. No percurso da ação, o sujeito sofre ou realiza dois programas, o da competência em que, por doação do Destinador, se torna capacitado para a ação, e o da performance, em que executa a ação propriamente dita de transformar estados ou situações.

No decorrer do trabalho, serão fornecidos outros elementos teóricos necessários à análise do conto.

2. Seqüências Textuais

A divisão do texto em seqüências faz parte das técnicas de análise e pode, na prática, facilitar o exame, sobretudo de textos longos. Os critérios utilizados na segmentação são vários e pertencentes a diferentes níveis de descrição textual. Mais frequentemente, são empregados procedimentos do nível discursivo como a disjunção temporal, espacial ou de personagem (actorial, para a semiótica); muito embora recursos especificamente textuais possam também ser utilizados na divisão: elementos da expressão, como a variação de rimas ou de ritmo, a organização textual em parágrafos, os marcadores de coesão do texto e outros. Sem dúvida, mais de um fator pode ser considerado para que se recorte um texto em seqüências.

Em *Desenredo*, escolheu-se a disjunção temporal como critério de segmentação. Obtiveram-se seis seqüências:

1ª seqüência: da linha 1 à 21⁶

2ª seqüência: da linha 22 à 36

3ª seqüência: da linha 37 à 45

4ª seqüência: da linha 46 à 61

5ª seqüência: da linha 62 à 89

6ª seqüência: da linha 90 à 101

A passagem de uma seqüência à outra está marcada principalmente pela mudança de tempo: "até que - deu-se o desmastreio". (da 1ª à 2ª seqüência); Enquanto, ora, as coisas amaduravam" (da 2ª à 3ª seqüência); "Da vez, Jô Joaquim foi quem a deparou..." (da 3ª à 4ª seqüência); "No decorrer e comenos, Jô Joaquim entrou..." (da 4ª à 5ª seqüência); "Pois, produz efeito." (da 5ª a 6ª seqüência). A transição é reforçada por frases conceptuais, uma espécie de máximas do enunciatório, em que faz, em geral, referência explícita ao tempo, enquanto apaga, com o recurso do presente do indicativo, as marcas do tempo verbal. São as seguintes as máximas de transição entre seqüências:

Da 1ª à 2ª: "O trágico não vem a conta-gotas."

Da 2ª à 3ª: "O tempo é engenhoso".

Da 3ª à 4ª: "Sempre vem imprevisível o abominoso? ou: os tempos se seguem e parafraseiam-se".

Da 4ª à 5ª: "A bonança nada tem a ver com a tempestade."

Da 5ª à 6ª: ("Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto")⁷

3. Primeira Seqüência: Aquisição Secreta

A análise adotou o ponto de vista do sujeito manifestado pelo ator Jô Joaquim⁸ e não os dos demais sujeitos, marido ou amante, seus oponentes, por ser essa a perspectiva escolhida pelo texto. Importa, porém, lembrar que, no nível narrativo, há sempre dois sujeitos, pelo menos, à procura de um mesmo objeto-valor. Decorrem daí o desdobramento da narrativa e seu caráter polêmico. Cabe à organização textual ressaltar a ação de um sujeito e ocultar a do outro. Assim, em *O Pequeno Polegar*, têm-se a narrativa do Pequeno Polegar e a do Ogro que desejam, ambos, a bota-de-sete-léguas, em *Joãozinho e o pé-de-feijão*, a de Joãozinho e a do

Gigante, que querem a galinha-dos-ovos-de-ouro. O caráter polêmico da narrativa deve-se ao fato de os valores investidos nos objetos circularem em um universo fechado, correspondendo a aquisição de um objeto-valor por um sujeito, à privação desse mesmo objeto-valor para outro sujeito.

Determinada a perspectiva da análise, passa-se ao exame da primeira seqüência de *Desenredo*. Caracteriza-se aí, bem no início, um estado do sujeito Jô Joaquim: "Jô Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre" (linhas 2 e 3). O uso de termos como "respeitado" ou "bom" para definir o sujeito Jô Joaquim faz pressupor que haja um outro sujeito que o respeita e o julga bom. Ou seja, Jô Joaquim está sendo julgado e reconhecido como um sujeito cumpridor de seus compromissos. O Destinator-julgador manifesta-se como a sociedade, o grupo social a que Jô Joaquim pertence e que se pode denominar "a aldeia".

A narrativa começa, portanto, com o percurso da sanção. Ora, a sanção, como percurso em que se julga o sujeito e os resultados de sua ação, pressupõe o percurso da ação do sujeito que, por sua vez, implica o da manipulação. Dessa forma, a partir da sanção positiva, é possível afirmar que o Destinator "aldeia" manipulou o sujeito Jô Joaquim para que ele agisse segundo os ditames do grupo social e que ele assim o fez, merecendo o respeito e o reconhecimento da sociedade. Completa-se o esquema narrativo:

Manipulação	Ação	Sanção
O Destinator-manipulador "aldeia" manipula o Destinatário-sujeito Jô Joaquim.	O sujeito Jô Joaquim age segundo as regras sociais da aldeia.	O Destinatário-julgador "aldeia" sanciona positivamente o Destinatário-sujeito Jô Joaquim.

O reconhecimento do sujeito finaliza o esquema acima, como contrapartida do contrato inicial, mas também, em *Desenredo*, é o ponto de partida de um novo esquema narrativo. Desse ponto de

vista, é preciso dizer que Jô Joaquim, quieto, respeitado, bom e não célebre, se apresenta como um sujeito satisfeito com os valores que possui e que não aspira a outros. Ele nada quer e nada deve ter e não se coloca, portanto, nem mesmo potencialmente, como sujeito operador de transformações narrativas diferentes das ações sociais regulamentadas e rotineiras⁹.

Só o surgimento de um novo Destinator-manipulador pode mudar a existência e a competência de Jô Joaquim. Esse Destinator é a mulher.

"Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamado Livíria, Rivívia ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jô Joaquim apareceu" (linhas 4, 5 e 6).

Manipulado pela mulher, Jô Joaquim passa a desejá-la como objeto-valor e a querer tudo fazer para tê-la. Transforma-se sua existência modal: Jô Joaquim torna-se um sujeito **apaixonado** (também no sentido semiótico de querer estar em relação com um valor de objeto).

"Era infinitamente maio e Jô Joaquim pegou o amor" (linhas 8 e 9).

As paixões devem ser entendidas como efeitos de sentido resultantes do arranjo sintagmático de modalidades do ser ou ter - querer-ser, dever-ser, poder-ser e saber-ser. O amor, nessa perspectiva, pode ser definido tanto como uma paixão simples, resultante do desejo ou querer-ser, quanto como uma paixão complexa, decorrente de um percurso passional que nasce de uma espera tensa, passa pela satisfação da expectativa e pela confiança em quem a satisfaz, para terminar no anseio de fazer bem a esse sujeito. O texto de Guimarães Rosa parece conter as duas definições de amor: na primeira seqüência é a paixão simples de querer-ter, na quinta seqüência, a paixão complexa que culmina no querer fazer bem.

O sujeito apaixonado torna-se, ainda, sujeito virtual, isto é, que quer fazer alguma coisa para obter o valor desejado. Alte-

ra-se sua competência. A competência deve também ser considerada como uma organização de modalidades que modificam o fazer. Há dois tipos de modalidades do fazer: as que instauram o sujeito, que o fazem sujeito virtual, como o **querer-fazer** e o **dever-fazer**, e as que atualizam o sujeito, que o fazem sujeito atual, competente, pronto para a ação, como o **saber-fazer** e o **poder-fazer**. O Destinatador-manipulador "mulher", transforma a competência do Destinatário-sujeito Jô Joaquim: Jô Joaquim que queria não-fazer ou, menos, que não queria fazer, passa querer-fazer, para conseguir o objeto-valor desejado. A manipulação pode ser tipologicamente considerada como **tentação**,¹⁰ pois o manipulador apresenta ao manipulado objetos de valor positivo a que ele aspira, para convencê-lo a agir, ou melhor, a querer estabelecer relação com a mulher.

"Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão" (linha 7).¹¹

As demais modalidades necessárias ao fazer de Jô Joaquim, o saber e o poder, estão pressupostas pela realização da ação. Jô Joaquim, sujeito competente, que conhece a "forma local" dos amores clandestinos, executa a performance e transforma sua relação com a mulher.

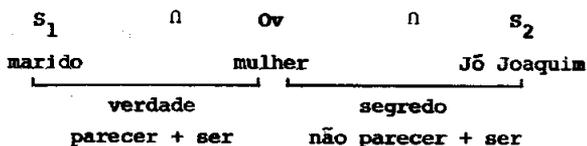
S	U	O _v	→	S	O	O _v
Jô Joaquim	disjunção	mulher		conjunção		

A transformação operada por Jô Joaquim é uma **aquisição por apropriação**, isto é, Jô Joaquim é o sujeito transformador e também o sujeito do estado transformado.

Toda apropriação corresponde a uma espoliação, segundo o desdobramento polêmico da narrativa. Se um Sujeito se apropria do objeto-valor, um outro sujeito é dele espoliado. No conto **Desenredo**, porém, a apropriação efetuada por Jô Joaquim não equivale à espoliação do marido de Livíria, que continua a manter relação de conjunção com a mulher.

Esse caso particular de organização narrativa torna-se pos-

sível graças ao recurso utilizado de situar o desdobramento polêmico da narrativa em níveis de veridicção diferentes: a posse de Jô Joaquim ocorre no nível de **segredo**, ou seja, não parece, mas é,¹² enquanto a conjunção com o marido se dá no nível da verdade, isto é, parece e é, ou como quer acreditar Jô Joaquim, no da mentira, em que parece, mas não é. A correspondência usual das narrativas entre apropriação e espoliação substitui-se, neste conto, pelo desenho abaixo, em que o objeto-valor está dividido entre dois sujeitos, Jô Joaquim e o marido, instalados em diferentes níveis de veridicção.



As transformações sofridas por Jô Joaquim na sua existência passional e na sua competência, assim como sua ação de apropriação da mulher, ocorrem apenas no nível do segredo. Para a aldeia e sua "vigilância", Jô Joaquim continua quieto, bom e respeitado, pois mantém, ao menos na aparência, o contrato social assumido.

"Mas muito tendo tudo de ser secreto claro, coberto de sete capas" (linhas 11 e 12).

"Não se via quando e como se viam. Jô Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente" (linhas 18 e 19).

A aquisição secreta de valores faz de Jô Joaquim um sujeito apenas parcialmente realizado, pois o objeto-valor se encontra repartido com o marido. É um sujeito "incompleto" (linha 20). A passagem do segredo à verdade, necessária para sua total realização, parece depender não da ação do sujeito, mas de um "milagre". É preciso lembrar que Jô Joaquim aceita essa situação de "incompletude" decorrente da posse secreta do objeto-valor desejado, porque assume os valores do grupo social da aldeia e quer continuar a ser por ele reconhecido e sancionado positivamente.

Na primeira seqüência, o sujeito Jô Joaquim é, portanto, duplamente manipulado: pela aldeia que, por intimidação, lhe impõe o dever-fazer e pela mulher que, por tentação, o leva a querer-fazer. Assim manipulado, Jô Joaquim procura conciliar os dois programas narrativos opostos, por meio da fórmula socialmente aceita de manutenção das aparências.

Manipulação	Ação	Sanção
Dor-manipulador: aldeia Dário-sujeito: Jô Joaquim dever-fazer	O sujeito Jô Joaquim age segundo os valores da aldeia.	Dor-julgador: aldeia Dário-sujeito: Jô Joaquim sanção-positiva

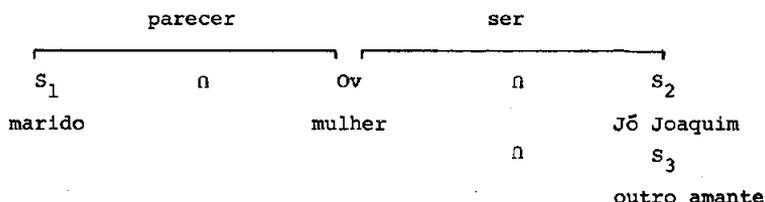
Manipulação	Ação	Sanção
Dor-manipulador: mulher Dário-sujeito: Jô Joaquim querer-fazer	O sujeito Jô Joaquim relaciona-se com mulher casada (ação contrária aos valores da aldeia)	Dor-julgador: Jô Joaquim Dário-sujeito: Jô Joaquim sanção parcialmente positiva: "incompleto".

4. Segunda Seqüência: Privação Secreta

A organização narrativa da primeira seqüência pode ser resumida em dois tópicos: a da transformação da competência de Jô Joaquim e o de sua ação de apropriação secreta do objeto-valor. Os recursos a níveis diferentes de veridicção para resolver a polémica da narrativa ocorre com freqüência nos textos de Guimarães Rosa. Confirma-se, com esse procedimento que, ao contrário dos contos populares que enfatizam as transformações pragmáticas, os textos de Guimarães Rosa se situam privilegiadamente na dimensão cognitiva do saber e do crer.

Desenredo é exemplar nesse aspecto, pois está todo assentado nas relações de saber e de crer e nos fazeres persuasivos e interpretativos do sujeito: "O inebriante engano" (linha 21); "no absurdo desistia de crer" (linhas 27 e 28), "Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos" (linhas 30 e 31), "Soube-o logo Jô Joaquim" (linha 40), "Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos" (linha 43 e 44), "Crível?" (linha 65), "Incrível?" (linha 68), "Mais certa?" (linha 85), "Todos já acreditavam. Jô Joaquim primeiro que todos" (linha 93), "Soube-se nua e pura" (linha 96) e muitos outros exemplos.

Na segunda seqüência, o sujeito Jô Joaquim renuncia ao objeto-valor mulher com que mantinha relação de conjunção secreta. A renúncia de Jô Joaquim, ou melhor, sua ação de transformar a posse em privação, deve-se à complicação narrativa. Se Jô Joaquim, mesmo se sentindo "incompleto", sujeita-se à aquisição secreta em que divide a mulher com o marido, não é capaz, porém, de aceitar reparti-la também no nível do segredo.



O aparecimento de um terceiro sujeito faz de Jô Joaquim não apenas um sujeito "incompleto", mas um "pseudo-sujeito" (linhas 32 e 33). Jô Joaquim assume os valores de aldeia e, tal qual um marido traído, renuncia à mulher desejada.

Da mesma forma que a aquisição, na primeira seqüência, a privação, na segunda, ocorre no nível do segredo. Para a aldeia, Jô Joaquim nunca deixou de ser quieto, bom e respeitado, pois não houve mudança na aparência da manifestação. A primeira e a segunda seqüências constituem a macro-seqüência das transformações

(aquisição por apropriação e privação por renúncia) **secretas**.

A renúncia secreta toma a forma de afastamento da mulher no **espaço cognitivo**: "Reteve-se de vê-la" (linha 32), "Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa" (linha 34).

Para completar o exame da segunda seqüência, observe-se que muito embora o sujeito Jô Joaquim esteja, como no início do conto, separado do objeto-valor mulher, as duas situações são diferentes, do ponto de vista narrativo. No começo do texto, a mulher não era um valor para Jô Joaquim, no final da segunda seqüência ela o é. Mesmo tendo a ela renunciado, Jô Joaquim continua a desejar a mulher: "Ela - longe - sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a agüentar-se, nas defeituosas emoções" (linhas 34, 35 e 36). Jô Joaquim não renunciou à mulher por deixar de querê-la, mas devido à pressão do **dever social**. Também na segunda seqüência, Jô Joaquim cumpre os papéis de sujeito persuadido, a quem sempre fazem crer, e de sujeito manipulado, a quem levam a fazer.

5. Terceira Seqüência: Aquisição Verdadeira

Na terceira seqüência, o sujeito Jô Joaquim é, uma vez mais, manipulado por tentação pelo Destinator mulher, que faz que ele creia e que o leva à ação de casar-se com ela. Jô Joaquim adquire de novo, por apropriação, o objeto-valor pelo qual anseia. Dessa vez, trata-se, porém, de aquisição verdadeira, ou seja, que parece e é. O objeto-valor não mais se reparte entre sujeitos situados em diferentes níveis de veridicção. O sujeito, de posse do valor, realiza-se plenamente.

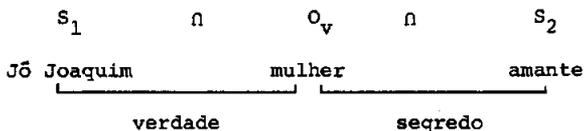
O desaparecimento do oponente, o marido, deve-se ao "milagre" esperado ou à "Providência". Há uma volta à primeira seqüência, em que o obstáculo à realização completa do sujeito Jô Joaquim era o sujeito marido com quem, por razões do contrato com a aldeia, se via obrigado a partilhar a mulher. Apaga-se, por conseguinte, a segunda seqüência, em que a renúncia à mulher não o-

corre por causa do marido, mas devido ao surgimento de um terceiro sujeito, que Jô Joaquim, imbuído dos valores da sociedade local, não pode aceitar. A manipulação da mulher, na terceira seqüência, parece levar a essa espécie de esquecimento da segunda seqüência e, conseqüentemente, do terceiro sujeito. Com a morte do marido, resta apenas Jô Joaquim que tem, então, a possibilidade de se realizar pela aquisição completa do objeto-valor.

A aldeia conserva seu papel de Destinator, ao sancionar positivamente a ação de Jô Joaquim, inesperada e "escandalosa", mas, mesmo assim, conforme às regras sociais. Casaram-se e o casamento tudo redime.

6. Quarta Seqüência: Privação Verdadeira

A terceira seqüência termina com a realização do sujeito Jô Joaquim, de posse, também aparente, do objeto-valor desejado. Na quarta seqüência, nova transformação verdadeira, ou melhor, que parece e é, priva-o, outra vez, da mulher.¹³ Jô Joaquim ao sabê-la infiel, incorpora os deveres do grupo social e a ela renuncia. Repete-se o esquema da primeira seqüência, mudando-se apenas os papéis:



Na condição de amante, Jô Joaquim, segundo os padrões sociais dos amores clandestinos, foi obrigado a repartir a mulher com o marido, enquanto marido, não pode, porém, concordar em dividi-la com amantes. Mudam-se os papéis sociais, mudam-se os compromissos. Jô Joaquim a eles se mantém fiel e a aldeia assegura a sanção: "Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido" (linha 55). A frase é ambígua e pode-se entender que o povo aplaudiu Jô Joaquim e reprovou a mulher ou que alguns aplaudiram Jô Joaquim e

outros o reprovaram, por não matar a mulher ou o amante, como fizera o primeiro marido. Qualquer que seja a leitura, importa reconhecer o julgamento da aldeia que conserva seus sujeitos atrelados aos compromissos sociais. Há, além disso, uma sanção clara a Jô Joaquim, em que se repete o reconhecimento inicial: - "de novo respeitado, quieto" (linha 59) -, com uma alteração apenas: de início "não célebre" (linha 3), Jô Joaquim provoca "escândalo" (linha 45) e sente-se "histórico, quase criminoso, reincidente" (linhas 56 e 57).

Ainda em relação à situação inicial, observa-se outra mudança de posição narrativa, pois Jô Joaquim continua a desejar o objeto-valor mulher a que renunciou.

"Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formiguinhas brancas" (linhas 57 e 58).

Jô Joaquim conserva, assim, a paixão simples de amor-desejo, a que se somam as paixões complexas da frustração, causada pela impossibilidade de ter o objeto almejado, e da decepção, em relação ao sujeito responsável por suas perdas. A decepção e a frustração desembocam, muitas vezes, na aflição extrema e na cólera, enquanto em outras ocasiões levam ao conformismo e à resignação, atalhos para a retomada da confiança, como ocorreu na segunda e terceira seqüência.

"Ele exercitava-se a agüentar-se, nas defeituosas emoções" (linhas 35 e 36).

"Soube-o logo Jô Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou - ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos" (linhas 40 a 44).

O mesmo percurso passional parece ser desenvolvido na quarta seqüência: "Dedicou-se a endireitar-se" (linha 61).

A terceira e quarta seqüências constituem a macro-seqüência das transformações narrativas (aquisição por apropriação e privação por renúncia) verdadeiras, isto é, que parecem e são.

7. Quinta Seqüência: o Fazer-Crer da Persuasão

Na quinta seqüência, o ator Jô Joaquim que, até então, assegurara os papéis do Destinatário-sujeito, duplamente manipulado pela aldeia e pela mulher, assume, pela primeira vez no conto, as funções de Destinador-manipulador. Couberam sempre a Jô Joaquim o fazer interpretativo e o crer, submetido que fora à persuasão do grupo social e da mulher. Invertem-se, finalmente, na quinta seqüência, as posições actanciais e Jô Joaquim exerce um fazer persuasivo para que outros sujeitos creiam.

No texto, mudou-se o segredo em verdade, na passagem das duas primeiras seqüências à terceira e à quarta. Como Destinador, Jô Joaquim não tem mais, portanto, a oportunidade de revelar segredos, restando-lhe apenas a possibilidade de operar com a verdade e de transformá-la. Percebe que a verdade e a falsidade dependem do grupo social, que determina os valores e as regras a serem obedecidas, e opõe-se, enfim, à "voz do povo", ao colocar a aldeia como destinatário de sua manipulação.

Para conseguir os resultados pretendidos, ou melhor, para **fazer-crer**, Jô Joaquim nega a verdade (parecer + crer), transformando-a em mentira (parecer + não ser).¹⁴

"Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jô Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas" (linhas 72, 73 e 74).

Se a mudança, já mencionada, do segredo em verdade aconteceu na linha da manifestação aparente, na conversão da verdade em mentira, trabalha-se com o eixo imanente do ser.

segredo	—————>	verdade	—————>	mentira
(não parecer + ser)		(parecer + ser)		(parecer + não ser)
1ª e 2ª seqüências		3ª e 4ª seqüências		5ª seqüência

O Destinador aldeia manipula a aparência da manifestação, enquanto o Destinador Jô Joaquim opera na essência do ser.

A partir da negação da verdade em mentira, Jô Joaquim constrói uma "nova verdade", em outro sistema de valores:
mentira (parecer + não ser) = (nova) verdade (parecer + ser)

"Jô Joaquim, genial, opera o passado-plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?" (linhas 83 a 85).

O exercício da persuasão é para Jô Joaquim o modo de fazer a aldeia e a mulher acreditarem na negação da verdade estabelecida e na asserção da nova verdade por ele construída. Os que antes o manipularam são agora os destinatários de sua persuasão.

Para a construção da verdade emprega-se o recurso narrativo de produção de objetos. Nas seqüências anteriores o sujeito adquiriu os valores desejados quando se relacionou com os objetos em que tais valores se encontravam investidos. É sempre possível, entretanto, alcançar valores pela construção de objetos, como casas vazias em que os valores almejados serão inseridos. Se o sujeito aspira, por exemplo, ao valor gustativo do pudim de leite condensado, pode obtê-lo tanto por apropriação numa confeitaria ou por doação da vovó, quanto por produção, na cozinha, de um pudim. Fabrica-se o objeto para, por meio dele, obter-se a conjunção com o valor desejado.

Em *Desenredo*, Jô Joaquim, na quinta seqüência, constrói o objeto cognitivo mulher ("Ela era um aroma" (linhas 70 e 71)), para nele investir os valores sonhados ("Desejava ele, Jô Joaquim, a felicidade - idéia inata" (linhas 66 e 67)). É nessa sua criação, uma espécie de "releitura do real", que ele busca fazer-creer.

8. Sexta Seqüência: O Crer da Interpretação

"Pois produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jô Joaquim primeiro que todos.

Mesmo a mulher, até, por fim." (linhas 89 a 94).

Na última seqüência, aparecem os resultados da manipulação: Jô Joaquim faz crer, isto é, a aldeia, ele próprio e a mulher interpretam como verdadeiro o resultado de seu fazer e nele acreditam. A mentira passa a verdade: "E pôs-se a fábula em ata" (linha 101). Documenta-se a verdade criada pelo dizer, a ficção torna-se realidade. A verdade está na fábula ou na ata?

Altera-se, uma vez mais, a relação de Jô Joaquim com o valor desejado, a felicidade. Se na quarta seqüência, ele renunciara à mulher, readquire-a, enfim, graças ao procedimento narrativo de construção de objetos. Não há mais oponentes, não há outros sujeitos com quem compartilhar o objeto sonhado, já que nenhum deles participa de sua ficção. Desapareceu o risco da traição, pois qualquer amante será sempre uma mentira. É a realização plena pela posse do valor desejado e também eterna, por não existir, na dimensão cognitiva em que Jô Joaquim se colocou, a menor possibilidade de oposição. "E foram felizes para sempre".

A quinta e a sexta seqüências formam a macro-seqüência de aquisição (por produção de objetos) no nível de mentira ou da nova verdade. As macro-seqüências examinadas são, portanto, três, número mágico - a do segredo, a da verdade e a da mentira-verdadeira.

9. Uma Leitura: A Criação do Objeto Textual

O propósito deste trabalho foi sempre o de construir o arcabouço narrativo que sustenta o conto *Desenredo*. Para isso, foram abandonados, provisoriamente, os recursos discursivos. Fizeram-se apenas algumas referências esporádicas, em notas de rodapé, a certos procedimentos.

Para concluir, sugere-se, no entanto, em rápidas pinceladas, uma leitura temática, entre outras possíveis, para a organização narrativa proposta. Trata-se do tema da criação do objeto textual

ou texto, entendendo-se por texto qualquer objeto ou "tecido" fabricado pela linguagem verbal, visual, mímica, etc.

A oposição semântica fundamental, sobre a qual se constroem os sentidos do conto *Desenredo*, parece ser "ficção ou imaginação" vs "realidade". Com essa estrutura semântica de base e com a organização narrativa examinada, muitas leituras são possíveis. Podem ser rapidamente citados os percursos temáticos da evasão, com fuga do real, concretizados sobretudo pelas figuras marítimas (barco, vela, mastro, etc) e os de um processo judiciário, lembrado em "decúbito dorsal", "abusufrutos", "qualquer causa se irrefuta", entre outros exemplos.

Este trabalho privilegia a leitura da criação do objeto textual. O conto simula, metalingüisticamente, o fazer enunciativo produtor de textos, ou seja, a enunciação, mostrando-a como instância:

- a) de construção de "novas verdades" ou da "realidade", por meio do dizer, tal como fez JÓ Joaquim.
- b) de manipulação do enunciatório, que é levado a crer no enunciador e a aceitar-lhe os valores.
- c) de produção de efeitos de verdade e de realidade, fabricados pelo fazer textual.

O conto faz ver a relatividade da verdade e da falsidade, da realidade e da ficção, apresentando-as como criação do dizer. Não há verdades absolutas, mas verdades de um texto, fabricadas com os recursos da organização narrativa e discursiva. Anula-se a distinção entre ficção e realidade e não mais se concebe a ficção como "cópia do real", mas como criadora da realidade.

O preenchimento discursivo escolhido para as estruturas narrativas estudadas aparece, sobretudo, na reiteração semântica de traços da escrita como "rascunho", "apóstrofe", "poeta", "pontos das reticências" e o próprio título "*Desenredo*".

Para concluir com o título, pode-se entendê-lo, a partir da análise efetuada, como:

- a) um deverbais de **desenredar** que, segundo o **Novo Dicionário Aurélio**, significa tanto "descobrir, esclarecer a trama de um mistério", portanto, descobrir a essência, a verdade, sob a aparência enganosa da mentira, quanto "resolver, destrinçar, um negócio intrincado e desembaraçar", no caso, os fios narrativos: a polêmica da narrativa é "desenredada" por **Jó Joaquim**, que se livra dos oponentes;
- b) a negação por prefixação do **enredo**, ou seja o não-(des-)enredo, o que corresponderia, segundo o dicionário, à negação do mexerico, da intriga, da mentira e, também, à não-ficção, ao apagamento da distinção entre realidade e ficção. "E pôs-se a fábula em ata".

NOTAS

DESENREDO

1 Do NARRADOR a seus ouvintes:
 2 — Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom
 3 como o cheiro da cerveja. Tinha o para não ser célebre.
 4 Com elas quem pode, porém? Foi Adão dormir, e Eva nas-
 5 cer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta
 6 observação, a Jó Joaquim apareceu.
 7 Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão.
 8 Aliás casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente
 9 maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se.
 10 Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento.
 11 Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de
 12 sete capas.
 13 Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciú-
 14 me; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor
 15 geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor
 16 em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo
 17 abismo é navegável a barquinhos de papel.
 18 Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além
 19 disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é
 20 reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme mi-
 21 lagre. O inebriado engano.
 22 Até que — deu-se o desmastreio. O trágico não vem a
 23 conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um
 24 terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver,
 25 assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira,

26 leviano modo.
27 Jô Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo de-
28 sistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios,
29 calores, quiçã lágrimas, devolvido ao barro, entre o ine-
30 fável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pê em três
31 estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abu-
32 sufrutos. Reteve-se a vê-la. Proibia-se de ser pseudoper-
33 sonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.
34 Ela — longe — sempre ou ao máximo mais formosa,
35 já sarada e sã. Ele exercitava-se a agüentar-se, nas defei-
36 tuosas emoções.
37 Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é im-
38 possível? Azarado fugitivo, e como a Providência praz, o
39 marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenhoso.
40 Soube-o logo Jô Joaquim, em seu franciscanato, dolo-
41 rido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou
42 — ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos,
43 o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar
44 de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim,
45 para feliz escândalo popular, por que forma fosse.
46 Mas.
47 Sempre vem imprevisível o abominoso? Ou: os tempos
48 se seguem e parafraseiam-se. Deu-se a entrada dos de-
49 mônios.
50 Da vez, Jô Joaquim foi quem a deparou, em péssima
51 hora: traído e traidora. De amor não a matou, que não
52 era para truz de tigre ou leão. Expulsou-a apenas, apos-
53 trofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida
54 a mulher, a desconhecido destino.
55 Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido. Pelo fato,
56 Jô Joaquim sentiu-se histórico, quase criminoso, reinci-
57 dente. Triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam
58 atrás dela, como formiguinhas brancas. Mas, no frágio
59 da barca, de novo respeitado, quieto. Vã-se a camisa, que
60 não o dela dentro. Era o seu um amor meditado, a prova
61 de remorsos. Dedicou-se a endireitar-se.
62 Mais.
63 No decorrer e comenos, Jô Joaquim entrou sensível a
64 aplicar-se, a progressivo, jeitoso afã. A bonança nada tem
65 a ver com a tempestade. Crível? Sábio sempre foi Ulisses,
66 que começou por se fazer de louco. Desejava ele, Jô Joa-
67 quim, a felicidade — idéia inata. Entregou-se a remir,
68 redimir a mulher, à conta inteira. Incrível? É de notar
69 que o ar vem do ar. De sofrer e amar, a gente não se
70 desafaz. Ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela
71 era um aroma.
72 Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se
73 e dizia isso Jô Joaquim. Reportava a lenda a embustes,
74 falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descaluniã-la, obri-
75 gava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de
76 caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demons-
77 trando-o, amatemático, contrário ao público pensamento

78 e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. O que não era
79 tão fácil como refritar almôndegas. Sem malícia, com pa-
80 ciência, sem insistência, principalmente.
81 O ponto está em que o soube, de tal arte: por antipes-
82 quisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, re-
83 mendados testemunhos. Jô Joaquim, genial, operava o
84 passado — plástico e contraditório rascunho. Criava nova,
85 transformada realidade, mais alta. Mais certa?
86 Celebrava-a, ufanático, tendo-a por justa e averigua-
87 da, com convicção manifesta. Haja o absoluto amar — e
88 qualquer causa se irrefuta.
89 Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pon-
90 tos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o tran-
91 sato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro.
92 O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima.
93 Todos já acreditavam, Jô Joaquim primeiro que todos.
94 Mesmo a mulher, até, por fim. Chegou-lhe lá a notícia,
95 onde se achava, em ignota, defendida, perfeita distância.
96 Soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou, com dengos
97 e fofos de bandeira ao vento.
98 Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jô Joa-
99 quim e Vilíria retomaram-se, e conviveram, convolados,
100 o verdadeiro e melhor de sua útil vida.
101 E pôs-se a fábula em ata.

²Esse texto já fora por nós examinado, em curso ministrado em conjunto com outros professores, no encontro promovido pela Associação de Professores de Língua e de Literatura (APLL).

³Ver, sobre a teoria, Greimas, A.J. e Courtés, J. *Dicionário de Semiótica*, São Paulo: Cultrix, s/d.

⁴Desenvolvimento melhor as questões teóricas em Barros, Diana L.P. de. *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*, São Paulo: Atual (no prelo).

⁵Se a semiótica narrativa tem em Propp um de seus precursores, é preciso não esquecer, como o fazem muitos, que o modelo de Propp foi bastante desenvolvido, generalizado e modificado. Desenvolveu-se, sobretudo, uma sintaxe narrativa modal e uma semântica de caráter "passional", o que permite hoje o exame da organização narrativa de textos da "grande literatura" e também de textos não-figurativos, como os científicos ou os políticos.

⁶Na verdade, a seqüência começa na linha 2, pois a primeira linha "Do narrador a seus ouvintes" não será examinada, por dizer respeito às relações entre enunciatador e enunciatário (no caso, suas projeções no narrador e narratário), a serem estudadas no nível discursivo e não no narrativo. Esse é um dos muitos cortes feitos.

⁷A separação da terceira e quarta seqüências e a da quarta e quinta são reforçadas pelos conectores textuais *mas e mais*; na passagem da quinta à sexta seqüência, não há, propriamente, uma máxima, mas se faz referência ao tempo que "secou o assunto". A máxima vem em seguida: "O real é válido, na árvore, é a reta que vai para cima."

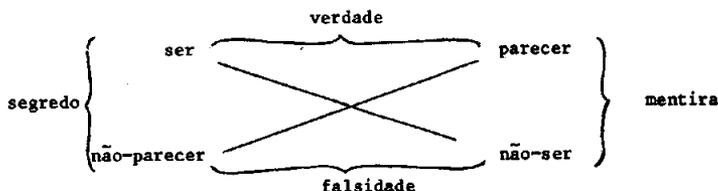
⁸ O exame dos nomes, como JÓ Joaquim ou Livíria, Rivília, Irlvíria e Vilíria, e de sua decorrências semânticas para o sentido do texto, não será efetuado na análise da narrativa.

⁹ É bastante diferente do outro conto de Guimarães Rosa, João Porém, o criador de perus, em que João Porém é desde o início caracterizado como "saudosos", ou seja, como sujeito de um querer. Desse modo, mais à frente, o texto diz: "Precisava daquilo para sua saudade sem saber de quê, causa para ternura intacta. Ou o que mais, porque amar não é verbo; é luz lembrada".

¹⁰ Há quatro grandes tipos de manipulação: tentação, intimidação, sedução e provocação. Distinguem-se segundo dois critérios: o tipo de manipulador e a espécie de alteração de competência do manipulado. Se o manipulador emprega o poder para manipular, tem-se a tentação e a intimidação. No primeiro caso, são oferecidos valores descritivos positivos; no segundo, negativos. Se o manipulador utiliza o saber, o resultado é a sedução e a provocação. Na sedução, o manipulador apresenta uma imagem positiva do manipulado, na provocação, negativa. Em relação ao segundo critério, quando o manipulado é levado a dever-fazer, fala-se de intimidação ou de provocação, quando passa a querer-fazer, trata-se de tentação ou de sedução.

¹¹ Pode-se reconstruir o provérbio: "É com mel que se pega a mosca".

¹² Estão sendo usadas as modalidades veridictórias que, organizadas no quadrado semiótico, se apresentam como no modelo abaixo, de Greimas e Courtès:



¹³ Se, na renúncia secreta, o afastamento da mulher aconteceu no espaço cognitivo, na renúncia verdadeira ela se distancia no espaço físico: "Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem. E viajou fugida a mulher, a desconhecido destino" (linhas 52 a 54).

¹⁴ A transformação da verdade em mentira manifesta-se principalmente por meio dos recursos discursivos dos temas da loucura e da lenda e dos procedimentos textuais da prefixação negativa: "descaluniar", "amatemático", "antipesquisas", "acronologia", etc.